



## CENTENÁRIO DO SÍTIO FEDERALISTA DE BAGÉ

Cláudio Moreira Bento

---

Fruto de pesquisa histórica básica, o artigo propõe-se a apresentar a verdade do episódio da Revolução Federalista a qual, politicamente, ao longo dos anos, vem sendo omitida ou distorcida.

---

**D**e 14 de novembro de 1893 a 08 de janeiro de 1894, a guarnição militar de Bagé, ao comando do legendário e valente coronel Carlos Maria da Silva Telles, e integrada por forças do Exército reforçadas por tropas da Brigada Militar e patriotas republicanos, escreveu uma das mais belas páginas da História Militar do Brasil, ao resistir, cercada dentro do reduto fortificado em torno da matriz São Sebastião e praça à sua frente, a rigoroso e apertado sítio que durou 45 angustiantes dias.

O cerco foi levado a efeito por tropa revolucionária federalista, forte

de 3.000 homens, à base de Cavalaria, sob o comando do general honorário do Exército João Nunes da Silva Tavares (Joca Tavares), herói da guerra do Paraguai.<sup>1</sup>

O sítio de Bagé foi um confronto de titãs, uma queda de braço de vontades férreas e, sobretudo, um embate de valentes. Assim também seria o sítio da Lapa (PR), em que resistiu, até a morte, outra legenda do nosso Exército, o coronel Ernesto Gomes Carneiro, cujo irmão defendeu, heroicamente, em Bagé, uma trincheira, no cruzamento das ruas Dr. Verissimo com Barão de Amazonas, após o comandante da mesma, capitão Moreira Sobrinho, haver-se passado para os federalistas.<sup>2</sup>

O sítio de Bagé foi rigoroso.

---

1. João Nunes da Silva Tavares teve seu nome ligado aos últimos momentos do marechal Francisco Solano Lopes, em Aquidaban (1º de março de 1870). O cabo Chico Diabo que lanceou mortalmente o marechal era seu comandado. A proclamação da República foi alcançada exercendo muito expressiva liderança política, econômica e militar na fronteira de Bagé.

2. Eurico Sales, em "História de Bagé" (P. Alegre, Ed. Globo, 1951). Seu livro imortalizou o episódio em foco, o qual serviu-lhe de ilustração da capa, em expressivo desenho assinado por Danúbio Gonçalves.



Revolução  
Federalista de 1893  
- Cerco de Bagé  
(RS)  
- Trincheira  
da Panela do  
Candal

Nele, os sitiados presenciaram deserções dos fracos e dúbios, padeceram os efeitos de espionagens e de atiradores de tocaia, passaram sede e fome, tendo, inclusive, de sacrificar gatos, cães e cavalos para comerem, além de consumirem figos crus e caruru cozido na água e sal. Não escapou do sacrifício nem o tordilho negro, um **pingo de lei**, do coronel Telles. Silva Telles foi ferido num ombro, ao comandar, pessoalmente, um contra-ataque à derradeira tentativa federalista de atingir o centro da resistência ao sítio, através de uma brecha resultante da demolição de muros e paredes que protegiam a posição do coronel.

Combateram na defesa de Bagé as seguintes unidades do Exército: 31º Batalhão, do qual o Batalhão

Tuiuti, de Pelotas, descende; 4º Regimento de Artilharia, um dos formadores do Regimento Mallet, em Santa Maria; Corpo de Transporte, cujo comandante titular era o capitão Bento Gonçalves da Silva Filho<sup>3</sup>, ferido um pouco antes do sítio, e uma companhia do 2º Batalhão de Engenheiros, atual 1º Ferroviário de Lages-SC. Essa tropa do Exército foi reforçada pelo 2º Batalhão da Brigada Militar e elementos do 1º; pelo 5º Corpo Provisório e pelo Batalhão Republicano, integrado por patriotas republicanos de Bagé e gente da Guarda Aduaneira. Os sitiados não dispunham de Cavalaria, daí a tática adotada de resistência em posição fortificada, contra um adversário fortíssimo em Cavalaria.

3. Filho do famoso líder farrapo de 1835.



O sítio só foi levantado à aproximação da Divisão Sul, forte de 3.000 homens, ao comando do coronel do Exército João César Sampaio, que fora enviado em socorro de Bagé pelo Ministro da Guerra (1892-94), Francisco Antônio de Moura.

Bagé foi encontrada pelas tropas do coronel Sampaio "com casas arrombadas, a maioria sequeada, algumas incendiadas, objetos de uso doméstico, gêneros etc... atirados à rua"<sup>4</sup>, um cenário desolador.

O prolongado e violento sítio, com seus pesados tiroteios, deixou um saldo triste de 121 baixas entre os cerca de 900 defensores da praça. Foram mortos 34, entre os quais 4 oficiais, que foram sepultados ao lado da matriz São Sebastião, em cujo interior, meio século atrás, o Duque de Caxias mandara celebrar uma missa pela alma dos irmãos brasileiros que haviam se empenhado em luta fratricida, a Revolução Farrroupilha (1835-45). Outros mortos foram sepultados em terreno baldio da Rua 7 de Setembro, Dessa vez, ao invés de uma missa, a matriz São Sebastião sofreu com o tiroteio federalista, que a deixou cheia de perfurações de

balas. Não a respeitaram.

Um exemplo da fortaleza moral do coronel Carlos Telles foi dado na seguinte resposta aos federalistas, no 28º dia de sítio, ao ser-lhe proposta a rendição da praça com garantia de vida a todos: "Vocês é que devem depor as armas porque estão fora da lei. Garanto a todos anistia ampla." E resistiu mais 18 dias.

A resistência determinada, e a todo custo, do coronel Telles por certo preveniu a humilhação de tropas do Exército e da Brigada, como a sofrida por suas irmãs, em 28 de novembro, no sítio do Rio Negro, levado a efeito pelas mesmas tropas ao comando do general Joca Tavares que sitiaram Bagé. Ai, tropas legais com o seu comandante, general do Exército Isidoro Fernandes, também preso, foram obrigadas a assistir, impassíveis, ao degolamento, segundo a tradição, de 300 de seus aliados civis do Corpo de Cavalaria, ao comando do coronel Manoel Oliveira Pedroso, também degolado, inerme e de forma humilhante para um bravo. O massacre foi um crime contra a humanidade, até então sem precedentes na nossa História, e um desserviço e traição à causa federalista.

4. Eurico Salles, em "História de Bagé".

Parece ter sido ele o início da violência inaudita dessa revolução agravada pelo massacre de Boi Preto, em Palmeira das Missões, de degolamentos em massa de federalistas, e pelos fuzilamentos coletivos de revoltosos da Armada, em Florianópolis e no Km 64 da ferrovia Curitiba-Paranaguá. Tais fatos contribuíram para caracterizar a revolução federalista como “revolução de bárbaros” ou “maldita”. Seus contendores ignoraram Simon Bolívar: *“Nas guerras civis, é político ser generoso, senão a violência aumenta progressivamente.”*

O sítio e a resistência épica de Bagé são uma página digna dos bravos soldados republicanos e federalistas que a escreveram, e cheia de lições militares enriquecedoras do patrimônio cultural militar terrestre do povo brasileiro, do qual o Exército Brasileiro é depositário e beneficiário.<sup>5</sup>

O sítio de Bagé, seguramente, foi o evento histórico que mais marcou a cidade. Ele serve de ilustração à obra de Eurico Sales atrás citada e de documentação dos

três simpósios “Fontes para a História da Revolução de 93”, que vem sendo realizado pelo Museu D. Diogo de Souza, de Bagé.

Fontes primárias ligadas ao sítio de Bagé encontram-se na obra já citada de Eurico Sales e na obra de Epaminondas Villalba, **Revolução Federalista no Rio Grande do Sul** (Rio, Laemmert, 1897), nos documentos de nº 58 a 62.<sup>6</sup>

Prestou depoimento sobre o sítio de Bagé o coronel Sampaio, comandante da Divisão do Sul, que impôs o levantamento do sítio, em 8 de janeiro de 1893. Seu trabalho foi editado em 1920, Sampaio já marechal, sob o título **“O coronel Sampaio e os apontamentos do Dr. Wenceslau Escobar”**. Nesse trabalho, ele responde à obra editada no mesmo ano, também pela Livraria Globo, sob o título **Apontamentos sobre a Revolução Rio-grandense de 1893**, a qual seria complementada por uma **Réplica aos contraditores dos apontamentos** (P. Alegre, s/ed, 1921). Através dessas obras, o leitor poderá situar-se, entre outras coisas, sobre o sítio de Bagé registrado por

5. Beneficiário com vistas a reciclar a doutrina, com apoio em experiências reais e bem sucedidas.

6. O último é a ordem-do-dia do tenente-coronel Francisco Félix de Araújo, comandante da 1ª Brigada da Divisão do Sul, que relata as atrocidades cometidas nos sítios do Rio Negro e Bagé e aponta os defensores do de Bagé como exemplos de abnegação e heroísmo.



seu libertador, o coronel Sampaio, e o quadro dantesco por ele testemunhado em relação ao massacre do Rio Negro, quando ele por lá passou, após um mês do tristíssimo evento.

O massacre do Rio Negro foi também condenado pelo federalista Germano Hasslocher, em **A verdade sobre a revolução de 93** (P. Alegre, Ed. Mazon, 1894, 1ª ed.).

Sobre o sítio de Bagé, o historiador Tarcísio Taborda escreveu, na **Revista Militar Brasileira** (nº 1, jan/mar 1970, pp. 73-87) esclarecedor artigo, que complementa, com detalhes interessantes, a visão de Eurico Sales de como foi o sangrento combate de 24 de dezembro de 1893. Taborda conclui seu artigo com um grande e notável esforço de síntese muito esclarecedor: *"A insatisfação reinante após a renúncia do marechal Deodoro, em 1891, levou os chefes municipais das duas correntes que se formaram a reunir homens em armas. Formados esses exércitos particulares, começaram as arbitrariedades, as tropelias, os abusos e as vindetas, que se espraiaram por todo o território gaúcho."* É aí que penso residir a causa das violências da Revolução de 93, que se extremaram em Rio Negro

e Boi Preto.

O coronel Sampaio fez de sua obra atrás citada, involuntariamente, precioso instrumento didático militar, na linha preconizada pelo marechal Ferdinand Foch: *"Para alimentar o cérebro de um Exército na paz, para melhor prepará-lo para a eventualidade de uma guerra, não existe livro mais fecundo em meditações e lições do que o da História Militar."*

Com base na leitura do seu livro, concluo que a Divisão do Sul foi organizada, de Porto Alegre, pelo ministro da Guerra, general Moura, como Diretor das Operações contra os federalistas, e contando com o apoio de Júlio de Castilhos, na mobilização de forças civis patriotas. Que Sampaio comandava a guarnição do Rio Grande quando foi encarregado de organizá-la, equipá-la e instruí-la para as seguintes missões: libertar Bagé sitiada; preencher o vácuo na fronteira, entre Bagé e Santana, deixado pelas tropas neutralizadas por massacre ou aprisionamento, em Rio Negro, junto com o comandante-em-chefe das operações no Estado, o marechal Isidoro, e proteger a ferrovia, essencial ao apoio logístico. Que a Divisão foi constituída de 3 brigadas, com 2.500 homens, dos quais 1.100



do Exército e 1.400 civis, sem noções de disciplina, hierarquia e doutrina militar, recrutados, na emergência, em Jaguarão, Erval, Piratini, Canguçu, Tapes, Camaquã, São Lourenço e Pelotas. Que a concentração delas teve lugar na Estação Piratini (atual Pedro Osório), junto ao passo Maria Gomes do Piratini e que durou um mês e nove dias. Que os 1.100 homens do Exército procediam do 29º e do 32º de Infantaria (de Pelotas e Vitória-ES, atuais OM de Infantaria de Jaboatão-PE e Santa Maria); dos 2º e 5º de Cavalaria (de Bagé e Jaguarão, atuais OM de Porto Alegre e São Luiz); de contingente do atual 1º Ferroviário-Lages, SC. Que a tropa do Exército dispunha de três peças de artilharia 75. Que os 1.400 civis formaram os 25º e 28º de Cavalaria (provisórios) e o 9º de Infantaria (provisório), sendo seus chefes os coronéis: Elias Amaro, de Jaguarão; Antero Pedroso, de Piratini, que escapou espetacularmente do massacre do Rio Negro, onde seu irmão, amigo e comandante, Manoel Pedroso, fora degolado; Zeca Neto, com 600 homens de Camaquã e São Lourenço, e que depôs sobre o episódio em suas **Memórias** (Martim Livreiro); Bernardino Mota, com as forças de Canguçu que conseguira

reunir; e mais os chefes Bueno e Justo. A Divisão operou por 15 meses consecutivos e assistiu ao quadro dantesco do massacre do Rio Negro. Foi incansável na mobilização da Divisão Sul, em Pelotas, o Dr. Piratininho de Almeida, filho do mineiro de Diamantina e cérebro civil da República Rio-grandense, Domingos José de Almeida, que estudamos na **RIHGB** (nº 336, jan/mar, 1983) e no **Diário Popular** (Pelotas, 20.09.1981).

O coronel Sampaio era carioca. Nasceu em 10.06.1846 e faleceu, em Porto Alegre, em 06.10.1924, aos 78 anos de idade, pouco após escrever sua obra já referenciada. Veterano do Paraguai, comandou a guarnição de Rio Grande e o 32º de Infantaria, antes e depois de Canudos, com o qual expedicionou. Comandou o Distrito Militar de Mato Grosso durante a questão Brasil-Bolívia em torno do Acre. Foi general-de-brigada, na ativa, e marechal, na reserva. Teve a oportunidade de defender-se de intrigas e acusações do Dr. Wenceslau Escobar e de um panfleto anônimo, provando ter sido o libertador de Bagé em 08.01.1894.

Carlos Telles, o defensor de Bagé, nasceu em 31.10.1843, em Porto Alegre. Veterano herói do Paraguai, combateu os **muckers**, em



1874 e, também, em Canudos, onde foi ferido gravemente. Faleceu general-de-brigada em 07.09.1899, aos 56 anos de idade. Adiante nos deteremos mais sobre sua biografia.

## ANEXOS

- DOCUMENTO 1: ordem-do-dia do comandante da 1ª Brigada da Divisão do Sul, em operações no Sul do Rio Grande do Sul, emitida em 13 de janeiro de 1894, sob o nº 15, no Acampamento de Boa Vista. Aborda os sítios do Rio Negro e de Bagé e o comportamento dos federalistas nos mesmos:

“Camaradas da 1ª brigada! O quadro desolador visto por nós em Bagé traduz e é um vivo atestado das cenas de vandalismo praticadas por estrangeiros que o pouco escrúpulo de desorientados brasileiros trouxeram à nossa Pátria para, reunidos em número muito superior aos nossos companheiros, tentarem tomar a praça, batendo sua heróica guarnição. Narrar-vos os fatos com suas particularidades seria descrever as cenas descritas por Poe, ou o inferno de Dante em que por longos dias estiveram, não só vossos camaradas, como as famílias residentes nessa cidade. Não foram poupados os velhos octogenários,

quando choravam a perda de seus filhos e parentes por eles degolados no Rio Negro. Não se condoeram das pobres esposas que viram seus maridos levados à sanga para depois do massacre terem a garganta atravessada pela faca. Foram surdos aos gritos das pobres crianças que, com estertor, no auge da maior angústia, pediam que poupassem a vida de seus inocentes pais! Cenas dolorosas para esses a quem fizeram órfãos e viúvas. Canibais! Como se tudo isto não bastasse para saciar esses descendentes de Nero, obrigaram as criancinhas a morrerem de inanição, proibindo a venda do leite. Deitaram fogo a diversas casas, saquearam a todas, exigindo de muitos moradores quantias avultadas. Os insultos, os doestos, as palavras obscenas, as injúrias assacadas aos nossos camaradas, as faziam sem respeito à moral com grande gáudio para seus diretores. Pois bem, enquanto tudo isto sucedia, a briosa guarnição militar de Bagé, dando vivas à República, defendia a praça com valor estóico, suportando com toda a resignação os vexames da fome e quiçá, muitas vezes, da sede. Emagrecidos, macilentos, os nossos camaradas não fraquejaram um só momento. Que nos sirva de exemplo essa abnegação, esse heroísmo, e



todos da 1ª Brigada de quem espavorido foge o inimigo, marchemos ao seu encalço para dar-lhes a devida punição. Viva a guarnição de Bagé! Viva a brigada da 1ª Divisão do Sull! Viva a República! ass: Francisco Felix de Araujo, tenente-coronel”.

DOCUMENTO 2: resposta do coronel Carlos Telles, ao apelo dos federalistas para que aderisse à causa revolucionária e entregasse Bagé.

“Comando da guarnição e fronteira de Bagé. O coronel Carlos Telles, respondendo ao apelo que de Pirahy foi dirigido aos oficiais desta guarnição e assinado por onze indivíduos, declara, por si só e por seus oficiais, que não toma conhecimento do mesmo apelo, por que não quer nem deve corresponder-se com desertores do Exército. Bagé, 23 de novembro de 1893. Carlos Maria da Silva Telles, coronel.”

DOCUMENTO 3: Trecho do telegrama, de 15 de janeiro de 1894, de Júlio de Castilhos a Cassiano Nascimento, onde noticia as baixas

republicanas e federalistas no sítio de Bagé “que resistiu a fogo incessante e assaltos por 18 dias”: “Tivemos 36 mortos, dois alferes do Exército e dois capitães civis. Feridos 90 entre praças do Exército e civis. Os prejuízos do inimigo são superiores a 400 entre mortos e feridos, além de 500 deserções de bandidos orientais. Bagé muito danificada! Saquearam e incendiaram muitas casas, degolaram muitos homens indefesos e até queimaram vivos dois soldados.”<sup>7</sup>

Estes documentos, produzidos no meio de paixões do momento necessitam de crítica histórica para que deles se extraia a verdade dos fatos.

DOCUMENTO 4: ordem-do-dia de 09 de janeiro de 1894 do comando da Guarnição: “Após 45 longos dias de sítio, é com a maior satisfação que este comando, rememorando o que então se passara, torna público o seguinte: As forças desta guarnição compostas do 31º Batalhão de Infantaria, do 4º Regimento de Artilharia e do 2º

7. O sítio foi estimulado por pressões dos uruguaios sobre os revoltosos e pela Revolta da Armada, em 6 de setembro de 1893. Segundo o historiador federalista Wenceslau Escobar o levantamento do Sítio de Bagé foi mais funesto para a Revolução Federalista, do que a derrota que sofreram em Inhandul, ponto de inflexão da Revolução, a caminho de sua derrota.



Regimento de Engenharia, 5º Corp. Prov.; Bat. Republicano, pessoal da Guarda Aduaneira, contingentes do 1º Regimento de Cavalaria da B.M. e de Patriotas, privadas de comunicações com as demais guarnições deste estado, convergiram para a praça fortificada, repelindo sempre o inimigo que, por diversas vezes e em dias diferentes, tentara tomar de assalto esse centro de resistência. Desde a madrugada de 27 de novembro, porém, esta valorosa resistência foi secundada pelo Corpo de Transporte e 2º Batalhão de Reserva da B.M., procedentes do Quebracho donde se retiraram do sítio (do Rio Negro) com que o inimigo tentou isolá-los e com os quais as forças acima mencionadas perfizeram um total de 900 homens. A concentração destas forças na praça fortificada, exigida pela falta absoluta de Cavalaria, um dos mais importantes e imprescindíveis recursos nas guerras sul-americanas, bem como pela sua inferioridade numérica em relação às do inimigo, compostas de uns 3.000 homens, alentados ainda pela recente vitória do Rio Negro, talvez lhes fizesse crer no prenúncio de uma nova vitória. Assim, ilusoriamente reanimados, redobram a intensidade dos seus fogos de fuzilaria, os quais partindo

dos fundos dos quintais, das esquinas e telhados das casas, principalmente situadas ao norte e oeste da cidade, onde em maior número se alojaram, varriam a praça em todos os sentidos. É com orgulho que este comando vos assegura que nesses momentos, os mais críticos, sempre julgou esta praça inexpugnável, vendo que cada um de vós era inseparável de seu posto de honra, procurando à porfia melhor cumprir os seus deveres, tornando-os todos dignos dos maiores encômios e da gratidão nacional, mesmo porque na noite de 08 do corrente (08 de janeiro de 1894), o inimigo abatido por tão heróica resistência e já desprovido de munições e desarmados pelos grandes claros que fizestes em suas fileiras, fugiu precipitadamente, deixando muitas armas e, após, uma cidade em ruínas, saqueada e incendiada. As instituições nascentes e a integridade de nossa Pátria não perigarão jamais enquanto tiverem defensores valorosos e abnegados até o sacrifício, como vós. Diante da uniformidade de um semelhante proceder, este comando julga-se dispensado de mencionar o nome dos que se distinguiram. Por isso louva a todos os oficiais desta guarnição pela firmeza e lealdade com que se portaram durante o penoso sítio a

que esteve sujeita, e determina que os senhores comandantes de corpos façam em suas ordens regimentais as distinções que julgarem de justiça. Contrabalançando as alegrias provenientes da grande vitória alcançada pelas armas gloriosas da República, este comando lamenta aqueles que tombaram no campo da luta; aos feridos, os que apenas verteram o seu sangue em prol das novas instituições, os nossos respeitos e admiração; àqueles que sucumbiram para sempre, as nossas saudades e a gratidão da Pátria. ass. Carlos Maria da Silva Telles, Coronel.”

DOCUMENTO 5: telegrama do Ministro da Guerra, de 14 de janeiro, ao coronel Carlos Telles, cumprimentando-o pela vitória sobre o sítio federalista: “Coronel Carlos Telles. Viva a República. Vós e a heroica guarnição de Bagé fizeram juz à nossa admiração e reconhecimento. Com tão valentes e abnegados soldados e patriotas, a República não pode ser vencida. Ao marechal Floriano transmiti telegrama que me enviastes. Abraço-vos e a todos os valentes camaradas da guarnição de Bagé.”<sup>8</sup>

8. Era o aplauso do Exército.

## NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

Após levantado o sítio de Bagé, intrigas levam o defensor de Bagé, coronel Carlos da Silva Telles, e o comandante da Divisão Sul - coronel João Cezar Sampaio a uma polêmica em torno do assunto. O coronel Sampaio então foi obrigado a escrever os seguintes trabalhos, no espaço de 26 anos:

**Pela verdade-defesa contra seus inimigos** (Pelotas, Liv. Echenique, 1896);

**O coronel Sampaio e os apontamentos do Dr. Wenceslau Escobar** (Porto Alegre, Liv. Globo, 1920), no qual se defende de críticas relativas às operações que culminaram com o levantamento do sítio de Bagé pela Divisão Sul ao seu comando. Vale a pena ser lida, pelos ensinamentos que sugere.

O coronel Carlos Telles responde, ao coronel Sampaio, na obra **Resposta ao folheto-Pela Verdade, do sr. comandante João Cezar Sampaio** (Pelotas, Liv. Americana, 1897). É livro que também vale a pena ser lido, pelos ensinamentos a colher.

O Dr. Wenceslau Escobar, militante federalista, colocou fogo



nas brasas da polêmica em foco, com o seu discutido **Apontamentos históricos para a Revolução Federalista de 1893** (Porto Alegre, Liv. Globo, 1920).

As memórias do general Zeca Netto (Porto Alegre, Martins Livreiro, 1983) que, como tenente-coronel foi comandante da 3ª Brigada da Divisão do Sul, que libertou Bagé sitiada, traz algumas informações valiosas, como resposta de Zeca Netto a uma crítica de Carlos Telles ao coronel Sampaio afirmando que “o coronel Sampaio é um oficial que faz honra ao Exército Nacional.”

O coronel De Paranhos Antunes e o general Tristão de Alencar Araripe produziram elogios ao coronel Carlos Telles, em 1948, na **Revista do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil**, nº 13/14 pp.115-207. São artigos esclarecedores. Os historiadores de Bagé, Eurico Salis e Tarcísio Taborda, complementam o tema.

O general João Pêreira de Oliveira em **Vultos e Fatos de Nossa História** (Porto Alegre, Martins Livreiro, 1985, 3ª ed., pp.52-71) estuda o perfil biográfico de Carlos Telles e aborda, especificamente, rumoroso incidente que ele manteve, e levou a melhor, com o coronel

Thomaz Tompson Flores, comandante interino, em 1896, do 6º Distrito Militar, com sede em Rio Grande. O autor narra a resposta dada por Carlos Telles ao general Joca Tavares e ao seu irmão Zeca Tavares, que haviam solicitado ao corpo consular que intercedesse para que ele capitulasse, ao que teria respondido, segundo fora anotado no Diário do promotor público Antenor Soares:

“Peço que, de minha parte transmitam, ao exmº sr. general Tavares, o seguinte: O nome e as glórias que S. Excia. alcançou, foram no seio do Exército, e, portanto, não deve ignorar que o soldado brasileiro não capitula, ainda mesmo que se encontre fraco no seu posto. Eu nunca capitularei, achando-me forte e defendendo o governo constituído legalmente e as instituições de minha Pátria. Ele general Tavares é que deve depor as armas, porque é um revoltoso. Se assim proceder, pode contar com as garantias para si e seus comandados. Mas, os soldados e oficiais desertores do Exército, que fazem parte das forças dos revoltosos, serão castigados, uns com a demissão, e outros com a baixa do serviço...”

Tarcísio Taborda conta a resposta de Carlos Telles ao apelo do padre Bittencourt para que saísse de



Bagé, atendendo à sugestão que lhe fora feita por seus amigos federalistas, resposta que invoca os mesmos valores alegados pelo pároco: - "Amigo vigário Bittencourt. Em nome de Deus, da humanidade, de seus paroquianos bageenses e de nossos amigos comuns só sairei para trazê-lo de volta puchado pela orelha."

#### SÍNTESE BIOGRÁFICA DO GENERAL CARLOS MARIA DA SILVA TELLES (1848-1899)



Nasceu em Porto Alegre, em 31 de outubro de 1843, filho do tenente reformado Joaquim Jaime da Silva Telles de Queiroz e de D. Maria

Joaquina Amália da Cunha da Silva Telles. Sentou praça em 23 de junho de 1865, no 33º de Voluntários da Pátria, e foi designado para integrar o piquete de D. Pedro II, onde assistiu à rendição dos paraguaios em Uruguaiana, em 18 de setembro de 1865. Permaneceu no piquete do Imperador até 1º de novembro. Participou da invasão do Paraguai no Passo da Pátria como alferes em comissão do 30º de Voluntários da Pátria. Foi ferido no contra-ataque de Estêro Belaco, em 2 de maio de 1866. De alferes a tenente, participou da campanha do Paraguai. Combateu em Itororó, Avai e Lomas Valentinas e assistiu à rendição de Angostura. Foi promovido a alferes em 14 de janeiro de 1869, por ato de bravura praticado em 11 de dezembro de 1866. Participou da campanha da Cordilheira como alferes e tenente comissionado, no mesmo cenário em que brilhava a estrela do general Joca Tavares, seu adversário no sítio de Bagé. Só depois da guerra é que, em 14 de abril de 1871, foi graduado tenente e começou a sua longa peregrinação por unidades de Infantaria, 6º, 4º, 12º, 15º, 13º, 10º, 7º, 24º, 22º, 26º, 14º e 31º batalhões de Infantaria, cuja correspondência atual pode ser deduzida de **O Exército Brasileiro**, editado pelo Arquivo



Histórico do Exército, em 1938, e pela Imprensa Militar. Suas promoções: 14 de abril de 1871 - tenente; 4 de janeiro de 1886 - capitão, após 15 anos; 7 de janeiro de 1890 - major, por merecimento; 21 de março de 1891 - tenente-coronel, por merecimento; 12 de maio de 1893 - coronel, por merecimento e 15 de novembro de 1899 - general-de-brigada, posto em que faleceu, menos de dois anos após, em 7 de setembro de 1899, de ataque cardíaco, aos 56

anos. Foi condecorado no Paraguai com o hábito da Rosa e a Medalha Militar. Lutou no Paraguai, na Revolução de 93, contra a Revolta da Armada e em Canudos.

Foi ferido em Estéro Belaco, no Paraguai, no sítio de Bagé e gravemente no ataque final ao reduto de Canudos. Como tenente participou, em 1874, do combate aos Muckers, nas fileiras do 12º BC, atual unidade de Infantaria de Lorena - SP.



Cel Eng e EM, da Reserva, CLÁUDIO MOREIRA BENTO - Natural de Canguçu, RS, pertence à Turma Aspirante Mega, da AMAN. Possui os Cursos da ECEME e da EsNI. Comandou o 4º BECmb e dirigiu o Arquivo Histórico do Exército. É sócio titular do IHGB, benemérito do IGHMB, correspondente da Academia Portuguesa de História e de mais dez entidades congêneres estaduais e de oito municípios brasileiros. Integra a Sociedade Brasileira de Geografia, o CIPEL, o IEV, o Instituto Bolivariano e o Instituto Histórico Brasil-Peru Mal RAMON CASTILLA. Coordenou a construção do Parque Histórico Nacional de Guararapes, integrou a Comissão de História do EME e foi instrutor de História Militar na AMAN. Dirigiu a Revista e o Departamento Cultural do Clube Militar.